

A PRÁTICA EVANGELIZADORA DE JESUS REVELADA NOS EVANGELHOS

Frei Carlos Mesters, O.C.

Jesus é a fonte e o modelo da ação evangelizadora dos cristãos. Como tal ele nos é apresentado nos Evangelhos. Os Evangelhos descrevem como Jesus, após trinta anos de convivência e de trabalho em Nazaré, anunciou a Boa Nova de Deus ao povo do seu tempo. Qual foi a *prática* que Jesus adotou para realizar sua missão evangelizadora? Qual foi o *conteúdo*? Qual a *finalidade*? Qual a *fonte* da Boa Nova do Reino? No que segue, queremos responder a estas quatro perguntas.

1. A PRÁTICA EVANGELIZADORA DE JESUS

Os estudos históricos mostram e os Evangelhos e confirmam: Jesus vivia em uma época profundamente conflitiva, num país irremediavelmente dividido. Havia fome, pobreza e muita doença; havia gente explorada por um sistema injusto (Lc 22,25), com desemprego, empobrecimento e endividamento crescentes (Mt 6,12; 18,24. 28-34; 20,3.6; Lc 16,5); havia classes altas, comprometidas com os romanos na exploração do povo (Jo 11,47-48; Lc 20,47) e poderosos ricos que não se importavam com a pobreza dos irmãos (Lc 15,16; 16,20-21); e havia grupos de oposição aos romanos que se identificavam com as aspirações do povo (At 5,36-37); havia muitos conflitos e tensões sociais (Mc 15,6; Mt 24,23-24) com repressão sangrenta que matava sem piedade (Lc 13,1); havia a religião oficial. Ambígua e opressora, organizada em torno das sinagogas e do templo (Mt 23,4.23-32; Mt 21,13); e havia a piedade confusa e resistente dos pobres com suas devoções, romarias e práticas seculares (Mt 11,25; 21,8-9; Lc 2,41; 21,2). Numa palavra, havia conflitos nos vários níveis da vida da nação: econômico, social, político, ideológico, religioso. O povo estava sem condições de reencontrar a unidade.

Jesus não se manteve neutro. Em *Nome de Deus*, tomou posição. Assim. Através da sua atitude, a Boa Nova de Deus se fez presente na vida do povo. O anúncio da Boa Nova, é antes de tudo, uma nova prática, fruto da experiência que Jesus tinha do Pai e que o levava a tomar determinadas atitudes. Seria longo demais descrever todos os aspectos da prática evangelizadora de Jesus. Enumeramos apenas os mais importantes e os mais evidentes.

- **Jesus convive com os marginalizados e os acolhe**

Nos três anos de sua vida itinerante, Jesus conviveu a maior parte do tempo com aqueles que não tinham um lugar dentro do sistema social e religioso da época. Ele passou a ser conhecido como “o amigo dos publicanos e dos pecadores” (Mt 11,19). Acolhia os que não eram acolhidos: os *imorais* (prostitutas e pecadores), os *hereges* (samaritanos e pagãos), os *impuros* (leprosos e possessos), os *marginalizados* (mulheres, crianças, doentes de todo tipo), os *colaboradores* (publicanos e soldados),

os *fracos* (o povo da terra e os pobres sem poder). Jesus falava para todos. Não excluía ninguém. Mas falava a partir dos pobres e dos marginalizados.

O apelo que resulta desta atitude evangelizadora é muito claro: não era possível alguém ser amigo de Jesus e, ao mesmo tempo, continuar apoiando o sistema que marginalizava tanta gente em Nome de Deus. De fato, Nicodemos (Jo 7,52), José de Arimatéia (Mt 27,57-58) e Zaqueu (Lc 19,8) sentiram na carne o que quer dizer romper com o sistema em que estava, inseridos, e aderir a Jesus. O próprio Jesus, por causa dessa atitude que acolhia os marginalizados, entrou em conflito com os grupos de liderança da sociedade: os fariseus, os escribas, os saduceus, os herodianos, os romanos. Este conflito foi a cauda da sua morte (Mc 3,6).

- **Jesus denuncia e combate as divisões criadas pelo homem**

No meio do povo, havia muitas divisões, mantidas em nome de Deus pela própria religião oficial. Elas contradizem a vontade do Pai. Jesus criticou estas divisões e as combateu através da sua maneira de viver e de agir. Por exemplo, as divisões entre próximo e não-próximo (Lc 10,29-37), entre santo e pecador (Mc 2,15-17), entre puro e impuro (Mc 7,1-23), entre judeu e estrangeiro (Mt 15,21-28). Condenando estas divisões, Jesus relativizava e sacudia as pilastras do sistema religioso: o templo, o sábado, as obras santas (jejum, esmola, oração), a pureza legal. Sua prática evangelizadora incomodava profundamente os homens do poder.

Por outro lado, ele convidava e provocava as pessoas a se definirem em face dos valores fundamentais da vida humana e do Projeto de Deus: justiça, fraternidade, amor, misericórdia, partilha, honestidade. O sistema religioso da época não dava atenção a estes valores. Alguns aceitaram o convite de Jesus, outros o rejeitaram. Assim Jesus se tornou fonte de novas divisões (Mt 10,34-36) e sinal de contradição no meio do povo (Lc 2,34).

- **Jesus desmascara a falsidade dos grandes**

Jesus não teve medo de denunciar a hipocrisia dos líderes religiosos da época: sacerdotes, escribas e fariseus (Mt 21,1-36; Lc 11,37-52; Mc 11,15-18). Condenou a pretensão dos ricos e não acreditava muita na sua conversão (Lc 16,31; 6,24; Mt 6,24; Mc 18,24-27; 12,13-21). Diante das ameaças dos representantes do poder político, seja dos judeus como dos romanos, Jesus não se intimidava e mantinha uma atitude de grande liberdade (Lc 13,32; 23,9; Jo 19,11; 18,23).

- **Jesus combate os males que estragam a vida humana**

Deus criou a vida e a abençoou (Gn 1,28). Por própria culpa, a humanidade perdeu a bênção e atraiu sobre si a maldição (Gn 3,14-14). Deus interveio e chamou Abraão para ser pai de um povo com a missão de recuperar a bênção perdida não só para si e sua própria família, mas também para todas as famílias da terra (Gn 12,3).

Jesus retomou a vocação inicial do povo de Abraão e tentou recuperar a bênção para a vida humana. Ele disse: “*Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância*” (Jo 10,10). Por isso faz parte da prática evangelizadora de Jesus libertar a vida de todos os males que a oprimiam e marginalizavam. Assim ao longo dos três

anos da sua vida pública, ele enfrentou e combateu a fome (Mc 6,35-44), a doença (Mc 1,29-34), a tristeza (Lc 7,13; Mt 5,5), a ignorância (Mc 1,27), o abandono (Mt 9,36), a solidão (Mc 1,40-41; 5,34), a letra que mata (Mc 3,4. Mt 5,38-42), as leis opressoras (Mc 7,8-13), a injustiça (Mt 5,20), o medo (Mc 6,50), o sofrimento (Mc 6,55-56), o pecado (Mc 2,5), a morte (Mc 5,41-42; Lc 14,1-8). Ele combateu e expulsou o demônio, o príncipe dos males. Pois “*desde o começo não era assim*” (Mt 19,8).

- **Jesus usa uma nova pedagogia que faz o povo crescer**

A novidade da prática evangelizadora de Jesus transparece, sobretudo no novo jeito que ele tem de se relacionar com as pessoas e de ensinar as coisas: Dá atenção às pessoas sem fazer distinção (Mt 22,16); ensina em qualquer lugar, acolhe todos como ouvintes e permite que mulheres o sigam com discípulas (Lc 8,1-3; Mc 15,41); usa linguagem simples em forma de parábolas; reflete a partir dos fatos da vida (Lc 21,1-4; 13,1-5; Mt 6,26); confronta os discípulos com os problemas do povo (Mc 6,37); ensina com autoridade sem citar “autoridades” (Mc 1,22); apresenta crianças como professoras de adultos (Mt 18,3); sendo livre, comunica liberdade aos que o cercam (Jo 8,32-36), e estes, por sua vez, criam coragem para transgredir tradições caducas (Mt 12,1-8). Jesus vive o que ensina; passa noites em oração (Lc 5,16; 6,12; 9,18.28; 22,41) e suscita nos outros a vontade de rezar (Lc 11,1).

- **A Boa Nova do Reino se encarna numa convivência humana**

A prática de Jesus revela uma nova visão das coisas, um novo ponto de partida, uma nova ordem. Os valores básicos dessa nova ordem aparecem encarnados na pequena comunidade itinerante que se formou ao seu redor. Eis alguns deles: partilha dos bens ou caixa comum (Jo 13,29); igualdade básica de todos: “*Vocês todos são irmãos*” (Mt 23,8-10); poder como serviço: “*Quem quiser ser o primeiro seja o servidor de todos*” (Mc 9,35; Mt 20,24-28); Jo 13,14; Mt 23,11); convivência amiga a ponto de não ter mais segredos (Jo 15,15); novo relacionamento homem-mulher (Mt 19,1-9).

Estes pontos nos dão uma idéia de como era a prática evangelizadora de Jesus. Nela se revela a experiência que ele mesmo tinha do Pai. Através do gesto e da atitude de Jesus, o povo se dava conta de que o Deus de Jesus era diferente do deus dos escribas. Através da prática de Jesus, Deus se tornou uma Boa Nova para o povo.

2. UM RESUMO DO CONTEÚDO DA BOA NOVA DO REINO

O Evangelho de Marcos oferece o seguinte resumo do conteúdo da Boa Nova de Jesus: “*Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia proclamando o Evangelho de Deus! Esgotou-se o prazo, o Reino de Deus chegou! Mudem de vida e acreditem na Boa Nova*” (Mc 1,14-15).

Vamos meditar cada um destes quatro pontos: “Esgotou-se o prazo! O Reino de Deus chegou! Mudem de vida! Acreditem na Boa Nova!”.

“ESGOTOU-SE O PRAZO!”

- **Jesus lê os fatos com olhos novos, nascidos de Deus**

Para Jesus, a prisão de João Batista fez o prazo se esgotar. Fez o *kairós* de Deus chegar! Isso mostra que Jesus ficava atento aos fatos e aos tempos e os analisava com olhos diferentes. Por isso conseguiu perceber neles a ação de Deus. Esta mesma atitude diante dos fatos verifica-se em várias outras ocasiões. Por exemplo, ele interpela os apóstolos: “*Vocês dizem que faltam quatro dias para a colheita. Mas eu digo, levantem os olhos e vejam os campos. Eles estão brancos para a colheita!*” (Jo 4,35). E aos fariseus e saduceus ele responde: “*Ao pôr-do-sol vocês dizem: ‘Vai fazer bom tempo, porque o céu está vermelho’. E de manhã: ‘hoje vai chover, porque o céu está vermelho-escuro’. Olhando o céu, vocês sabem prever o tempo, mas não são capazes de interpretar os sinais dos tempos*” (Mt 16,2-3; cf Mt 24,32; Lc 12,54-56). A leitura diferente dos fatos ajudou Jesus a perceber a chegada do Reino.

- **Jesus ajuda o povo a ler os fatos com olhos novos**

Jesus quer que todos descubram a Boa Nova do Reino. Por isso, percorre o país e convoca o povo. Ele envia doze discípulos (Mt 10,1; Lc 9,1). Mais tarde, envia outros setenta e dois (Lc 10,1). Todos devem levar o mesmo anúncio: “*O Reino de Deus chegou!*” (Lc 1,9; Mt 10,7). Pois a colheita é grande, os operários são poucos e o tempo urge (Mt 9,35-38).

Jesus ajuda o povo a ler os fatos com os mesmo olhos diferentes: faz refletir a partir do que acontece (Lc 13,1-5); manda estar atento, pois ninguém sabe quando chega hora (Mt 24,42); ajuda o povo para não ser enganado (Mt 24,4.11.26); critica interpretações erradas (Jo 9,2-3).

Através das parábolas procura levar o povo a ter um olhar crítico sobre a realidade do país e sobre a sua prática religiosa. Por exemplo, as parábolas do fariseu e do publicano (Lc 18,9-41), dos dois filhos (Mt 21,28-32), do bom samaritano (Lc 10,29-37). Deste modo, Jesus ajuda o povo a discernir, entro dos fatos, os sinais do reino de Deus que vem chegando.

Nem todos aceitam a interpretação que Jesus faz dos fatos. Os fariseus e os saduceus não sabem ler os sinais dos tempos e o combatem (Mt 16,1-4). Jerusalém e as cidades da Galiléia se fecham (Lc 13,34-35; 10,13-15; 19,42). Os pobres, porém, e os discípulos reconhecem e aceitam a mensagem (Mt 11,25; 13,11).

“O REINO DE DEUS CHEGOU”

- **A novidade que causa admiração**

Naquele tempo, todos esperavam a vinda do Reino de Deus, mas cada um a seu modo. Para os fariseus, o Reino viria quando a observância da Lei de Deus fosse

perfeita; para os essênios, quando o país fosse purificado. O povo, orientado pelos escribas e pelos fariseus, esperava a vinda de um messias glorioso. Jesus, porém, já não esperava pela vinda do Reino de Deus. Para ele, o *Reino já estava chegando!* Esta era a novidade! Qual a análise que Jesus fez para chegar a esta conclusão? Onde estava o Reino de que ele falava? Pois a observância da Lei de Deus ainda não era perfeita; o país ainda não estava purificado. E não havia nada de glorioso para se poder concluir: “Este é o Reino!”. Por isso, os fariseus o questionaram: “*Queremos ver um sinal feito por ti!*” (Mt 12,38; Mc 8,11). Quais os sinais? (Lc 17,20).

Jesus não dá nenhum, sinal nem prova (Mt 12,39-40). Para os outros, a chegada do Reino dependia do esforço que eles mesmos teriam de fazer. Dependia da observância da Lei de Deus, da purificação da terra, ou da luta. Jesus dizia o contrário: “*O Reino de Deus não vem como fruto da observância, mas ele já está no meio de vocês!*” (Lc 17,20-21). Independentemente do esforço feito, o Reino já tinha chegado! A sua chegada não dependia do esforço humano, mas era pura gratuidade. Esta era uma maneira radicalmente nova de encara a vinda do Reino.

Jesus não diz em que consiste o Reino. Diz apenas que o Reino já chegou. Se já chegou, então o Reino devia estar presente e visível nas coisas que Jesus andava fazendo e dizendo: “*Vão dizer a João o que estão vendo e ouvindo: cegos vêem, coxos andam, leprosos são limpos, surdos ouvem, mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados*” (Mt 11,5-6). “*Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou até vocês!*” (Lc 11,20).

- **Uma nova leitura da Escritura**

Para ajudar o povo a perceber a presença do Reino nele mesmo e nos fatos, Jesus usava a Bíblia e a interpretava de maneira nova. A experiência que ele tinha de Deus lhe dava olhos novos pra entender melhor a ação de Deus no passado e era nele uma luz para iluminar o sentido da Escritura. Assim, iluminada pela Bíblia, a Boa Nova do Reino aparecia aos olhos do povo não como bastarda e impostora, vinda de fora, mas como filha nascida em casa, como fiel à Tradição, como realização da Promessa.

Eis alguns dos momentos em que Jesus faz esta nova leitura da Escritura:

- a) Na sinagoga de Nazaré, ele usa um texto de Isaías para apresentar o seu programa (Lc 4,18-19; Is 61,1-2). E conclui: “*Hoje se cumpriu nos vossos ouvidos esta passagem da Escritura*” (Lc 4,21);
- b) O recado que mandou para João Batista (Mt 11,5-6) era de um outro texto de Isaías. A profecia de Isaías se realiza na ação de Jesus junto dos pobres (Is 29,18-19; 35,5-6);
- c) No sermão da montanha Jesus esclarece o objetivo que Deus tinha em mente ao dar os Dez mandamentos ao povo: “*Antigamente foi dito (...), mas eu digo (...)*” (Mt 5,21.27.31.38.43);
- d) Jesus critica o Templo de pedra, o centro do Antigo Testamento, e o declara como provisório. Pois o novo Templo será ele mesmo, o seu corpo (Jo 2,19-21), onde todos poderão adorar o Pai em espírito e verdade (Jo 4,23);

- e) Aos discípulos de Emaús ele mostra, “*começando por Moisés e por todos os profetas*”, o que a Escritura dizia a respeito dele. Deste modo, ele situa a cruz dentro do projeto de Deus (Lc 24,27);
- f) Quando perguntado para dar um sinal, ele fala de Jonas e de Salomão e conclui: “*Aqui está algo mais do que Jonas e Salomão*” (Mt 12,41-42). Ele mesmo é critério de interpretação da Escritura;
- g) Jesus diz aos discípulos que ele têm vantagem sobre os profetas. “*Os profetas desejaram ver o que vocês estão vendo e não puderam*” (Lc 10,23-24). Ele mesmo é o ponto de chegada da Escritura;
- h) Na discussão com os judeus sobre a legitimidade do seu ensinamento, Jesus se declara maior que Abraão: “*Antes que Abraão fosse eu sou*” (Jo 8,52-58);
- i) Atacado pelos escribas em nome da Escritura e da Tradição, ele se defende com argumentos tirados da própria Escritura, da vida de Davi (Mc 2,25-26);
- j) Em tudo o que fazia para cumprir sua missão como Messias, Jesus se orientava pela profecia do Servo de Javé.

Lido nesta nova perspectiva, o Antigo Testamento ajudava o povo a perceber como o Reino de Deus estava se realizando dentro dos fatos da vida de Jesus e da Sua própria vida. Jesus realizava a Promessa. Por isso, o povo se reconhecia nele e encontrava nele a Boa Nova de Deus!

- **Os sinais do Reino presentes na vida**

O Reino que estava chegando era tudo aquilo que encontrou em movimento com a chegada e o anúncio de Jesus. Era a própria história progredindo. “*O Reino está no meio de vocês!*” Mas não era fácil definir claramente o que vinha a ser o Reino presente no meio do povo. O Reino era algo que a pessoa experimentava quando estava em contato com a pessoa de Jesus e com a comunidade por ele criada. Para ajudar o povo a entender esta misteriosa presença do Reino dentro dos fatos da vida, Jesus usava as parábolas. São muitas: semente, campo, pérola, joio e trigo, grão de mostarda, rede, pesca, fermento, sal, tesouro, dracma perdida, devedor implacável, trabalhadores da vinha, casamento do filho do rei, as dez virgens, bom samaritano, juiz iníquo, filho pródigo, ovelha perdida etc. “*Quem tem ouvidos para ouvir ouça!*” (Mt 13,9) as parábolas provocam o povo para ir descobrindo as coisas de Deus a partir da sua própria experiência de vida.

Os pobres entendem esta linguagem (Mt 11,25), pois o Reino anunciado por Jesus é deles (Mt 5,3-10). É para eles (Lc 4,18). Os outros, porém, os de fora, eles ouvem, mas não entendem (Mc 4,11,12). Muitas vezes, nas discussões com os fariseus, Jesus tentou corrigir a visão que eles tinham de Deus, da lei e da história. Mas não conseguiu. Eles não se abriram e se agarravam à antiga leitura que faziam do Antigo Testamento. Não permitiam o novo entrar.

“MUDEM DE VIDA”

- **A difícil exigência**

Jesus não pede: “Observem a Lei e a Tradição!” Ele pede *metanoia*, isto é, mudar o modo de pensar e de agir. Este é o apelo de mudança que a chegada do Reino traz consigo. Sem esta mudança radical o povo não poderá entender a mensagem do Reino anunciada por Jesus. A mudança que a chegada do Reino está pedindo é uma mudança que engloba todos os aspectos da vida das pessoas, do povo e da nação. Se não acontecer esta mudança, “*se vocês não se converterem, todos vão perecer do mesmo jeito*” (Lc 13,3.5), isto é, do jeito que galileus pereceram pela violência de Pilatos, assim todos irão perecer pela violência repressiva do Império. Não houve a mudança que ele pediu! Quarenta anos depois, no ano 70, esta profecia tornou-se triste realidade! Jerusalém foi totalmente destruída.

- **Mudar por que?**

Ao longo dos séculos anteriores foi acontecendo uma inversão total dos valores que se expressa na própria religião. A religião oficial já não revelava o rosto de Deus ao povo: o mandamento de Deus foi anulado pela tradição (Mc 7,8); o ser humano estava em função da Lei (Mc 2,27); o templo levava vantagem sobre o amor aos pais (Mc 7,10-13); a misericórdia foi diminuída em favor da observância (Mt 9,13); a justiça praticada pelos fariseus já não revelava o Reino (Mt 5,20). Na prática, o amor de Deus estava separado do amor ao próximo. Os escribas e os fariseus, responsáveis pela transmissão da fé, tinham esquecido as necessidades dos pobres (Lc 13,15-17), impunham pesos pesados ao povo (Mt 23,4) e, assim, bloqueavam a entrada do Reino (Mt 23-13).

- **Mudar o que?**

Já não bastava consertar um ou outro defeito. Era necessário fazer tudo de novo! *Metanoia!* Nascer de novo (Jo 3,3), reconhecer o próprio erro, aceitar a nova leitura do passado e iniciar uma prática nova no rumo que Jesus propunha: viver o amor a Deus no amor ao próximo (Mt 22,39); estender que o sábado é para o homem (Mc 2,27) e que o objetivo da lei é imitar Deus que faz chover sobre todos (Mt 5,43-48); viver a eleição divina não como um privilégio que separa dos outros povos, mas como um serviço que leva a inserir-se no meio deles (Mt 20,28; Lc 17,10). Numa palavra, aprender que ninguém tem o direito de marginalizar como “pecador”, “impuro”, “pagão”, “maldito” ou ignorante (Jo 7,49; 9,34) aqueles a quem Deus acolhe como filhos (Mt 5,45). Realmente, fazer uma mudança assim era o mesmo que morrer e nascer de novo. “*Quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus*” (Jo 3,3). Muitos não quiseram fazer esta mudança radical, reagiram contra Jesus e decidiram eliminá-lo (Jo 12,37-41; 11,45-54; Lc 19,42).

“ACREDITEM NESTA BOA NOTÍCIA”

- **Realiza-se a esperança do povo**

Toda esta novidade que começou a existir ao redor da sua pessoa, Jesus a designou com *A Boa Nova do Reino*. Expressão antiga, usada pela primeira vez pelo

profeta Isaías para designar a *Boa Nova* da volta dos exilados (Is 40,9; 52,7; 61,1). Desde então, todos esperavam pela *Boa Nova do Reino*. Nos gestos e nas palavras de Jesus esta esperança se realiza.

O acesso a essa Boa Nova só era possível através da fé: “*Acreditem na Boa Nova!*”. Fé não só na mensagem, mas também na pessoa de Jesus, tal como ele era e se apresentava: jovem, operário, sem estudo, vindo da Galiléia, sem ser doutor, sem ser sacerdote, sem ser da classe dirigente, mas que tem a coragem de dizer a todos: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim*” (Jo 14,6). “*Quem vê a mim vê o Pai!*” (Jo 14,9). Sem esta fé na palavra e na pessoa de Jesus não era possível entender a Boa Nova do Reino que ele anunciava!

Embora a *Nova* não fosse tão *Boa* para os doutores e escribas, ela era realmente *Boa* para os pobres (Lc 4,18). Pois através da prática e da palavra de Jesus, o povo pobre, que vivia marginalizado como “ignorante”, “maldito”, “impuro” e “pecador” (Jo 7,49; 9,34), tinha novamente acesso a Deus. Jesus liberou a entrada. A presença amiga de Deus tornou-se novamente, universal, aceitável para todos, livre das amarras nas quais vinha sendo aprisionada havia séculos (Mt 23,13).

- **Apontar a Boa Nova de Deus na vida do povo**

A Boa Nova do Reino, o que é? Não é uma doutrina que se ensina, nem uma moral que se impõe. Não é um catecismo que se decora, nem uma ideologia que se transmite. A Boa Nova do Reino é um *fato da vida* em que Deus está presente, atuando, libertando o seu povo com poder, realizando o seu plano de salvação, mostrando que é Rei, Senhor da história. Mas não só! Ela é uma *palavra* que tira o véu este fato e revela ao povo a presença gratuita de Deus aí dentro; é uma *atitude*, um *testemunho*, uma *prática*, que confirmam esta presença de Deus; é todo o *passado do povo* que o confirma e o ratifica: “Era isto que esperávamos há muito tempo!”.

Anunciar a Boa Nova do Reino, o que é? É apontar fatos concretos pelos quais se veja onde o Reino de Deus está acontecendo e interpretá-los de tal maneira que apareça para fora esta dimensão escondida da presença vitoriosa de Deus na história do povo. Foi assim que Jesus respondeu a João Batista: “*Vão dizer a João o que estão vendo e ouvindo!*” (Mt 11,4-5).

3. A FINALIDADE DA BOA NOVA ANUNCIADA POR JESUS

O Evangelho de Marcos ensina como o cristão deve anunciar a Boa Nova de “*Jesus Cristo, Filho de Deus*” (Mc 1,1). Em primeiro lugar (Mc 1,2-5), a Boa Nova não pode cair de pára-quadras dentro da vida do povo, mas deve vir como resposta às suas esperanças (Mc 1,2-3), através de pessoas bem concretas (Mc 1,4-8). Ela terá o seu momento de inauguração (Mc 1,9-11), de provação (Mc 1,12-13) e de proclamação (Mc 1,14-15).

Em seguida (Mc 1,16-45), escolhendo bem os fatos, Marcos descreve a finalidade que a Boa Nova do Reino quer alcançar na vida do povo. Os sete pontos

que seguem são os sinais do Reino. Podem servir como critério de avaliação para examinar de perto a qualidade da nossa prática evangelizadora:

- 1) *Criar comunidade* (Mc 1,16-20)
Vocação dos primeiros discípulos.
A Boa Nova tem como primeiro objetivo congregar as pessoas em torno de Jesus e, assim, criar comunidade.
- 2) *Fazer nascer consciência crítica* (Mc 1,21-22)
Admiração diante do ensinamento de Jesus.
A maneira como Jesus anuncia a Boa Nova faz o povo criar consciência crítica com relação aos escribas, seus líderes.
- 3) *Combater o poder do mal* (Mc 1,23-38)
Expulsão de um demônio.
A Boa Nova combate e expulsa o poder do mal que estraga a vida humana e aliena as pessoas de si mesmas.
- 4) *Restaurar a vida para o serviço* (Mc 1,29-34)
Cura da sogra de Pedro e de muitos outros doentes.
A sogra levantou-se e começou a servi-los. A Boa Nova cuida da vida doente e procura restaurá-la para o serviço.
- 5) *Permanecer unido ao Pai pela oração* (Mc 1,35)
Jesus ora num lugar deserto.
Faz parte da Boa Nova permanecer unida a raiz que é o Pai, através da oração.
- 6) *Manter e aprofundar a consciência da missão* (Mc 1,36-39)
Anúncio da Boa Nova pelas aldeias da Galiléia.
A Boa Nova exige que o missionário não se feche nos resultados já obtido, mas que mantenha sempre a consciência da missão.
- 7) *Reintegrar os marginalizados na convivência* (Mc 1,40-45)
Um leproso é curado e enviado aos sacerdotes.
A Boa Nova acolhe os marginalizados e os reintegra na convivência humana.

Estes sete pontos marcaram o anúncio da Boa Nova realizado por Jesus e pelos primeiros cristãos. Será que marcaram os 500 anos de Evangelização da América Latina? Será que marcam a evangelização que fazemos hoje? Onde esta Boa Nova entra hoje na vida humana, ela sem dúvida alguma encontrará resistências e provocará conflitos. É o que o Evangelho de Marcos sugere, apresentando logo em seguida cinco conflitos entre Jesus e os líderes religiosos da época (cf. Mc 2,1-3,6).

Marcos informa ainda que, no momento de chamar os apóstolos, Jesus “chamou a *si* os que ele queria chamar, e *foram até ele*. E constituiu o grupo dos *Doze*, para que *ficassem com ele* e para enviá-los a pregar, com autoridade para *expulsar* os demônios” (Mc 3,13-15). No mesmo chamado Jesus coloca duas finalidades. Chama para “estar com ele” e pra “enviá-los a pregar e a expulsar os demônios”. O *estar com Jesus* dá o conteúdo para a pregação e a autoridade para expulsar o demônio. Ou seja, a comunidade é a plataforma de onde parte a missão e lhe dá consistência.

4. A FONTE DA BOA NOVA DO REINO ANUNCIADA POR JESUS

- **Jesus, igual a nós em tudo, menos no pecado**

Jesus é o *Filho de Deus*. Este título define seu relacionamento com o Pai e tem a ver com a constituição da sua pessoa. Esta verdade não se prova, mas se aceita na fé. Ela foi objeto de lenta e grata descoberta por parte dos cristãos. Jesus é o *Messias*. Este título tem a ver com seu relacionamento com os homens e com a sua missão dentro do plano de Deus. Fruto da total gratuidade do Pai é o fato de Ele não ter mandado qualquer um para realizar a missão do Messias, mas sim o próprio Filho, igual a nós em tudo menos no pecado (Hb 4,15).

“Sendo de condição divina, Jesus não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo” (Fl 2,6-7). *“Sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza”* (2Cor 8,9). Jesus não era cidadão romano e não tinha nenhum título, não fez curso com Gamaliel, não estudou em Jerusalém, não tirou diploma; não era da classe sacerdotal; não era levita nem fariseu; não era escriba nem publicano nem essênio nem saduceu. Não tinha proteção de nenhuma classe. Jesus era um leigo, operário, agricultor. Era conhecido como o carpinteiro (Mt 13,55). Nasceu fora de casa, numa estrebaria. Desde o seio materno, sofreu as conseqüências do sistema opressor dos romanos (Lc 2,1-7). Viveu trinta anos em Nazaré da Galiléia (Lc 3,23), terra “dos gentios”. Na comunidade local não era presbítero nem coordenador. Para se saber como foi a vida de Jesus, basta descrever a vida que qualquer nazareno daquele tempo, pôr o nome de Jesus e se saberá como foi a vida do Filho de Deus durante trinta dos trinta e três anos em que viveu nesta terra no meio de nós. Realmente, sendo rico, ele se fez pobre, igual a nós em tudo!

O que para uns era condenação do destino, para Jesus se tornou a manifestação da vontade do Pai. Jesus nasceu pobre e continuou sempre do lado dos pobres. Nascer pobre era a expressão da vontade do Pai. Continuar do lado dos pobres era a decisão do Filho querendo ser obediente ao Pai. Jesus nunca buscou uma saída individual, nunca buscou privilégios para si. Continuou pobre, igual a eles em tudo, até o fim, até a morte de cruz! (Fl 2,8).

- **Obediente ao Pai em tudo**

Aqui estamos diante do mistério da vida de Jesus. A sua união com o Pai. Jesus disse a Maria e José: *“Então, vocês não sabem que devo estar na casa do meu Pai?”* (Lc 2,49). Os pais não entenderam a resposta (Lc 2,5). Ele disse aos discípulos: *“O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, e terminar a obra que Ele me deu”* (Jo 4,34). Os discípulos estranharam a resposta (Jo 4,33). Ele disse aos judeus: *“O Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer”* (Jo 5,19). Os judeus estranharam a conversa de Jesus sobre o Pai e queriam matá-lo (Jo 5,18). Jesus disse a Filipe: *“Filipe, você ainda não me conhece? Quem me vê, vê o Pai”* (Jo 14,9). E também Filipe estranhou a conversa de Jesus sobre o Pai (Jo 14,8).

Estas e outras frases mostram que a comunhão entre Jesus e o Pai não era automática, mas sim fruto de uma luta que ele travava dentro de si para obedecer o Pai em tudo e viver em comunhão com Ele. Jesus nunca permitiu que alguém interferisse neste segredo mais profundo da sua vida. Não teve medo de provocar conflitos, mesmo com as pessoas mais queridas, para poder manter a comunhão com o Pai. Os que tentaram desviá-lo receberam respostas duras ou reações inesperadas: Pedro: “*Vai embora, Satanás!*” (Mc 8,33). Os irmãos: “*Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos?*” (Mc 3,33). Os apóstolos: “*Vamos para outros lugares! Pois foi para isto que eu vim!*” (Mc 1,38). Os parentes: “*Vão vocês! A hora de vocês está sempre aí! A minha hora ainda não chegou!*” (Jo 7,6.8). João Batista: “*Vão dizer para João o que estão vendo e ouvindo!*” (Mt 11,4).

A preocupação de estar sempre unido ao Pai pela obediência foi o eixo da vida de Jesus, a fonte da sua prática evangelizadora, o seu alimento diário (Jo 4,34). “*Ao entrar no mundo ele afirmou: Eis-me aqui! Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade!*” (Hb 10,5-7). Ao deixar o mundo, fez revisão e disse: “*Está tudo consumado!*” (Jo 19,30). Jesus sofreu e foi tentado a entrar por outros caminhos (Mt 4,1-11; Mc 8,33). Lutou para ser fiel (Hb 5,8). Teve de rezar muito para poder vencer (Hb 5,7; Lc 22,41-46). Mas venceu. Ninguém, nada, nunca, nenhuma autoridade, em momento algum, conseguiu interferir neste segredo mais profundo de Jesus. Os que tentaram esbarraram numa muralha impenetrável, numa liberdade impressionante. Ele foi obediente até a morte, e morte de Cruz. Por isso, Deus o exaltou! (Fl 2,9).

- **Revelar o Pai pela obediência profética**

Jesus procurava ser fiel à experiência que tinha do Pai. Pois a Boa Nova do Reino não é uma doutrina, ou um catecismo a serem transmitidos, nem uma moral ou uma disciplina a serem impostas, nem uma idéia nova a ser ensinada, mas é a face do Pai a ser revelada ao povo, sobretudo aos pobres! A obediência de Jesus não era disciplinar, mas sim profética. Na obediência ao Pai estava a raiz da liberdade de Jesus. Por causa desta obediência, ele obedecia à tradição dos homens e a criticava. A obediência só tem sentido enquanto revelação do Pai! Por causa, dela a voz de Jesus era e é a voz do Pai. Pois quem obedece não fala em nome próprio, mas sim em nome daquele a quem obedece.

Em Jesus, a obediência não é uma simples virtude ao lado das outras virtudes. A obediência faz com que ele se torne totalmente transparente, pura referência. Pela sua obediência profética até a morte, Jesus esvaziou-se de si mesmo e deixou que o Pai *reinasse* em sua vida. Por isso, tudo o que Jesus faz é *revelação do Pai*. A união que assim nasce entre ele e o Pai é tão perfeita que os dois se identificam um com o outro: “*Quem me vê, vê aquele que me enviou*” (Jo 12,45). É a comunidade perfeita no Espírito.

Como a vontade do Pai se manifesta em Jesus? Ele dizia: “*Por mim mesmo nada posso fazer: eu julgo segundo o que ouço*” (Jo 5,30). “*O Filho por si mesmo nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer*” (Jo 5,19). Como e onde Jesus via e ouvia o que o Pai queria dele?

- a) Na Sagrada Escritura. Ela é a fonte de autoridade (Lc 4,18): orienta Jesus na realização da sua missão como Servo (Mc 1,11); oferece respostas contra as tentações (Lc 4,4.8.12).
- b) Nos fatos. João Batista confrontou Jesus com as normas da tradição (Mt 11,3). Jesus confronta João com os fatos (Mt 11,4). Iluminados pelas escrituras eles revelam a vontade de Deus.
- c) Nas pessoas e suas atitudes. Diante da resposta da mulher Cananéia, Jesus mudou de opinião e disse: *“Seja feito como tu queres!”* (Mt 15,28). Na atitude da mulher Jesus leu o que o Pai queria dele.
- d) Nos pais. Jesus foi para Nazaré com seus pais e *“era obedientes a eles”* (Lc 2,51). Esta submissão, porém, não era cega. Ele teve a coragem de criticá-los (Lc 2,49).
- e) Na sua condição de pobre. Nascer pobre era para ele a expressão da vontade do Pai. Continuar do lado dos pobres era a decisão do Filho querendo ser obediente ao Pai.
- f) Na tradição e nos superiores. *“Façam o que eles dizem, mas não façam o que eles fazem!”* (Mt 23,3). Reconhece a autoridade, mas critica o comportamento e os desvios (Mc 7,13). Jesus nunca cita as autoridades, mas fala com autoridade (Mc 1,22)
- g) Na luta. No Horto das Oliveiras, o anjo veio e o ajudou para ir até o fim. Suou sangue, mas encontrou a paz na entrega total ao Pai (Lc 22,43-44).
- h) Na oração. Nas noites passadas junto ao Pai, ele vive a sua experiência de Filho e descobre o que o Pai pede dele (Lc 5,16; 6,12; 9,18.28-29; 11,1).

Não havia uma instância ou uma norma preestabelecida que guiasse Jesus na descoberta da vontade o Pai. Não havia uma lista de normas para ele se orientar. Havia, isto sim, aquela atenção permanente voltada para o Pai. *“Faço sempre o que lhe agrada”* (Jo 8,28-29). Jesus deixou um testemunho muito bonito a este respeito quando disse: *“O mundo vai saber que amo o Pai e que faço o que o Pai me mandou. Levantem! Vamos embora daqui!”* (Jo 14,31). Levantou e foi para o Horto, onde começou a Paixão.

5. CONCLUSÃO

A missão de Jesus se resume em fazer brilhar o rosto de Deus na vida do povo. *“Faze brilhar sobre nós a tua face e seremos salvos”* (Sl 80,4). O rosto de Deus é Luz que brilha na escuridão (2Pd 1,19). É a raiz da liberdade e da ressurreição. É a eterna Boa Nova para o povo oprimido. Sem este rosto tudo escurece. Não há disciplina nem lâmpada nem vela que possam substituí-lo. Quem não o conhece talvez não sinta a sua falta. Mas quem, como Jesus, o encontrou, já não sabe viver sem ele. O encontro com Ele revoluciona a vida, faz descobrir o que está errado em nós e ao redor de nós, e anima para a luta, a fim de recolocar tudo no seu devido lugar, como Deus o quer.

“Como o Pai me enviou, eu envio vocês!” Dizendo isto, Jesus soprou sobre eles e lhes disse: *“Recebei o Espírito Santo”* (Jo 20,21-22). Com a ajuda do Espírito, as comunidades reproduzem nas suas vidas a prática evangelizadora de Jesus e, assim, serão a revelação do Pai ao povo. Na mesma medida em que soubermos viver e anunciar a Boa Nova do Reino seremos a Igreja de Jesus; seremos a *“carta de Cristo, reconhecida e lida por todos os homens”* (2Cor 3,2.3)